

aiba

01
ano I
1º trimestre, 2015

RURAL

A revista do agronegócio da Bahia



Cerrado da Bahia: 40 anos

IMPRÓPRIA PARA A AGRICULTURA ATÉ MEADOS DE 1970, REGIÃO SE TRANSFORMOU EM PROMISSORA FRONTEIRA AGRÍCOLA COM MAIS DE 2 MILHÕES DE HECTARES CULTIVADOS

- ▶ Plantio antecipado da soja irrigada promove ganhos
- ▶ Os desafios da pecuária no Vale
- ▶ Fundo promove sustentabilidade da cotonicultura
- ▶ O papel da rede de produtores para agregar valor ao agronegócio



ENTRE
VISTA

“O equilíbrio deve sempre ser o vencedor”

CELESTINO ZANELLA // Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa)

Soja Plus

PROGRAMA DE GESTÃO ECONÔMICA,
SOCIAL E AMBIENTAL DA SOJA BRASILEIRA

**Produtor rural, melhore a gestão da sua
propriedade através do programa Soja Plus.**

Conheça o programa e participe das capacitações
gratuitas que serão realizadas em seu município.

TEMAS DOS CURSOS:

Legislação Trabalhista, Segurança e Saúde do Trabalhador Rural,
Construções Rurais, Trabalho em Altura, Segurança em Espaços
Confinados e Legislação Ambiental.



Produtores associados da Aiba participam do Soja Plus sem custos.

Para mais informações: 77 3613.8000 . aiba@aiba.org.br

Conheça as ações do programa pelo www.sojaplus.com.br



O MELHOR LUGAR PARA FAZER BONS NEGÓCIOS É AQUI



BAHIA FARM SHOW 02 A 06 DE JUNHO DE 2015

- Melhor vitrine do agronegócio nacional
- Todas as novidades tecnológicas do mercado
- Máquinas, implementos, insumos e serviços
- Maiores fornecedores do Brasil
- Mais de R\$1 bilhão em volume de negócios

Realização:



FEIRA DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA E NEGÓCIOS

77 3613.8000

www.bahiafarmshow.com.br

Novo produto editorial



Caro leitor,

A revista Aiba Rural foi criada para compartilhar trabalhos, ações e ideias que estão sendo desenvolvidas pelos agricultores, entidades de pesquisa, comunidade acadêmica e empresariado, para a estruturação e o desenvolvimento do Oeste da Bahia.

Esta publicação será um marco para os registros históricos da região, com reportagens sobre temas relevantes como, preservação ambiental, tecnologia agrícola, agroindústria, produção científica, formação técnica e acadêmica, comércio e transformação social.

Nas próximas páginas, você encontrará os resultados de uma parceria que se solidifica cada vez mais no Oeste da Bahia, entre agricultores e a comunidade regional. Estamos todos unidos em prol do fortalecimento da integração dos povos que escolheram este pedaço de Brasil para viver e prosperar.

Boa leitura!

JÚLIO BUSATO

Produtor e presidente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)

aiba
RURAL
Aiba Rural é uma publicação trimestral da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia.

Avenida Ahylon Macêdo, 919
Tel.: (77) 3613.8000
Morada Nobre - Barreiras (BA)

DIRETOR RESPONSÁVEL

Ernani Edvino Sabai

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Chaves, Ernani Sabai, Helmuth Kieckhöfer, Ivanir Maia, José Cisino Lopes, Rassana Milcent e Thiago Pimenta

EDITOR EXECUTIVO

Cicero Félix

COLABORADORES

Fábio Chaddad, Alessandra Chaves, Cristiane Pamplona, Jorge da Silva Jr.

PRODUÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ouza Editora Ltda.

IMPRESSÃO

Gráfica Coronário

TIRAGEM

2000 exemplares



PRESIDENTE: Júlio César Busato

1º VICE-PRESIDENTE: Isabel da Cunha

2º VICE-PRESIDENTE: Odaci Ranzini

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Moisés Almeida Schmidt

VICE-DIRETOR ADMINISTRATIVO: Franklin Akira Higaki

DIRETOR FINANCEIRO: Ildo João Rambo

VICE-DIRETOR FINANCEIRO: David M. A. Schmidt

CONSELHO FISCAL TITULARES

Luiz Carlos Berlatto
João Antônio Gorgen
João Carlos R. Jacobsen Filho

CONSELHO FISCAL SUPLENTE

Adilson Heidi Sujuki
Luiz Pradella
Fabricio Rosso Pacheco

CONSELHO TÉCNICO

Antônio Grespan
José Cláudio de Oliveira
Orestes Mandelli
Paulo Gouveia
Raimundo Santos
Raphael Gregolin Abe
Landino José Dukevics

CONSELHO CONSULTIVO

Humberto Santa Cruz Filho
João Carlos Jacobsen Rodrigues
Walter Yukio Horita

CONSELHEIROS CONVIDADOS

Celestino Zanella
Marcelino Flores
Luís Carlos Bergamaschi
Paulo Mizote
Osvino Fábio Ricardi
Douglas Alexandre Radoll



Ouza Editora
Barreiras (BA) - Tel.: (77) 3613.2118



Porios debit aut verum re dem aute volupienis rempore rerumet alis dūs, non non et eosit est, sunt. Expelit aepedita dolorip rempori aspelquis volorem el magnit aborates dis maxime percil is maio. Olore nobitib erovid et ut mos ut assum que vellore mpores ad quae re, ipsam andestio. Itatemquias ut etur alit essit harchcis estur.

ÍNDICE

ARQUIVO AIBA



REPRODUÇÃO

8

ENTREVISTA

Celestino
Zanella

12 PRAGAS

Jorge S. Júnior: Plantio antecipado da soja irrigada promove diversos ganhos

16 INFRAESTRUTURA

Pela conservação dos recursos naturais

18 OESTE DO VALE

Os desafios da pecuária no Vale

20 MEIO AMBIENTE

Alessandra Chaves: A segurança jurídica da regularização ambiental da propriedade rural

26 PISCICULTURA

Mais que um projeto, uma referência

27 FOMENTO

Fundo promove sustentabilidade da cotonicultura

30 FOMENTO

Fábio Chaddad: O papel da rede de produtores para agregar valor ao agronegócio



Foto da capa Vespa



Dia de Campo



Sementes Oilema

2015

**Agradecemos a todos
que compareceram e
fizeram deste evento
um grande sucesso!**

www.sementesoilema.com.br

FOTOS: ASCOM AIBA



Rodovias estaduais em manutenção

■ O ano de 2015 começou com novas mobilizações de produtores em rodovias estaduais da região, visando o escoamento da safra. A BA-225 na Coaceral passa por tapa buracos com massa asfáltica no trecho inicial e cascalhamento nos demais, com apoio da prefeitura municipal de Formosa do Rio Preto. As BAs 459 (em dois trechos

do Anel da Soja), 460 (Placas) e a 463 (em São Desidério, realizada em parceria com a Prefeitura Municipal) estão recebendo massa asfáltica a fim de reduzir os buracos existentes. Na BA-462 (Novo Paraná), a Patrulha mecanizada da Abapa iniciou os trabalhos de melhorias. Nas demais rodovias citadas, o Estado fornece a massa asfáltica e os produtores realizam a manutenção, pois há diversos trechos com acesso limitado, o que resulta em aumento no custo do frete.

Retorno das chuvas

■ Depois das estiagens localizadas que perduraram por mais de 30 dias no início de 2015, o regime de chuvas normalizou após o carnaval, devendo se estender até meados de abril. Os impactos foram maiores na cultura do milho, por atingir o período de florada e enchimento de grãos. Por outro lado a soja sofreu impacto moderado, enquanto o algodão passou o período sem interferências.

Antecipação do vazio da soja

■ A soja irrigada semeada 15 dias antes do fim do vazio sanitário da cultura na safra 2014/15 apresentou resultado satisfatório. Com produtividades médias em torno de 68 sc/ha, as áreas não apresentaram ferrugem asiática. O monitoramento realizado pelos pesquisadores que acompanharam as lavouras e o manejo adotado pelos produtores permitiram finalizar o ciclo da cultura sem ameaças, o que servirá de base para o pleito de nova antecipação do vazio sanitário da soja para irrigantes em 2015.

Programa capacita jovens em escolas agrotécnicas

■ O setor produtivo do agonegócio do Oeste da Bahia tem buscado mão de obra especializada fora do Estado. A Aiba, em parceria com o Fundeagro, CETEP, Codevasf, Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras, Senar, MTE e MPT estão mudando esta realidade através da capacitação de jovens aprendizes das escolas Agrotécnicas da região. O projeto do Jovem Aprendiz na Área Rural oferece formação técnica na cultura de grãos e algodão durante 10 meses. O projeto em funcionamento desde novembro de 2013 já capacitou 120 jovens, com previsão de matricular mais 90 alunos no ano de 2015. A Fazenda Modelo está localizada no perímetro irrigado da Codevasf (Barreiras Norte), onde os alunos realizam as aulas práticas em ambiente controlado, sem a necessidade de se deslocar até as distantes fazendas da região. Mais que uma obrigação legal, a aprendizagem é uma ação de responsabilidade social e um importante fator de promoção da cidadania, pois aumenta a inserção dos jovens no mercado de trabalho e torna mais promissor o futuro desta nova geração e a produtividade do setor rural.



Cultivares de Soja da parceria



Características das Cultivares

Cultivar	Tipo	Grupo de maturidade	Tipo de crescimento	Cor da pubescência	Altura média da planta* (cm)	Ciclo médio* (dias)	Reação a doenças e nematoides				
							Mancha Oídio de rã	Pústula Bacteriana	Cancro da Haste	Vírus da Necrose da Haste	Nematóide do Oso
Barreiras	Convencional	9.2	Determinado	Marrom claro	69	135-146	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 7481	Convencional	7.4	Indeterminado	Cinza	85	100-115	Resistente	MR	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 7580	Convencional	7.5	Determinado	Marrom	77	100-117	MR	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível
BRS 7780IPRO	Intacta	7.7	Determinado	Cinza	75	105-115	Resistente	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível
BRS 7980	Convencional	7.9	Determinado	Marrom	86	104-120	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Resistente (1,3,5)
BRS 8381	Convencional	8.3	Semi-Determinado	Cinza	82	110-128	MR	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 8480	Convencional	8.4	Determinado	Marrom	80	110-130	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 8580	Convencional	8.5	Determinado	Marrom	71	112-132	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 8581	Convencional	8.5	Semi-Determinado	Cinza	90	112-133	MR	MR	MR	Resistente	Susceptível
BRS 8780	Convencional	8.7	Determinado	Marrom	86	116-136	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 113 [Teta]	Convencional	8.7	Indeterminado	Cinza	96	116-136	Resistente	Resistente	Resistente	SI	Susceptível
BRS 114 [Gabriela]	Convencional	9.2	Determinado	Marrom	85	134-148	Resistente	Resistente	Resistente	SI	Susceptível
BRS 8180RR	RR	8.1	Determinado	Marrom	76	107-136	Resistente	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível
BRS 8280RR	RR	8.2	Determinado	Cinza	55	108-126	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 9080RR	RR	9.0	Determinado	Marrom	82	130-145	MR	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível
BRS 115 RR [Livia]	RR	8.9	Determinado	Cinza	76	118-124	Resistente	Resistente	Resistente	SI	Susceptível
Valiosa RR	RR	8.3	Determinado	Marrom	75	120-128	Resistente	Resistente	Resistente	Susceptível	Susceptível

Legenda:

* ** : variável dependente do ambiente, sendo o valor mínimo no Oeste da Bahia e no Norte de Mato Grosso e Máximo nas áreas altas de GO, MG e DF.

MR: Moderadamente Resistente

MS: Moderadamente Susceptível

RR: cultivar resistente ao herbicida glifosato.

SI: sem informação.

77 3639-3131/3639-3132
www.fundacaoba.com.br

Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento do Oeste Baiano
BR 020/242, Km 535 - Luís Eduardo Magalhães - Bahia

“O equilíbrio deve sempre ser o vencedor”

por **C.FÉLIX**

O princípio da filosofia chinesa é o equilíbrio, uma vez que o universo é composto de forças opostas. Portanto, nem tanto nem tão pouco. Como diz a música, “Água demais mata a planta”. Assim pensa o agricultor Celestino Zanella. Natural de Porto União (SC), o administrador de empresas é pós-graduado em estratégia gerencial vê com cautela a introdução de novas variedades de algodão no mercado da região Oeste. “Ao abusar da transgenia no milho perdemos a tecnologia em poucos anos”, disse. Presidente da Abapa e do Fundeagro, Zanella destaca a importância do controle fitossanitário para os planejamentos agrônomo e econômico e diz que o ciclo educação-campo é fundamental “para o aumento da produção racional de alimentos com tecnologia e bom senso. Veja na entrevista abaixo.

O senhor acha que o cooperativismo e o associativismo são imprescindíveis para fortalecer estrategicamente a agricultura? Que exemplos o Oeste da Bahia pode dar ao Brasil nesse sentido?

O cooperativismo tem um papel muito importante no desenvolvimento da Bahia. Porém teremos uma evolução das cooperativas. Não seremos semelhantes aos europeus ou ao sistema atual no sul do Brasil. As cooperativas daqui serão uma mistura, que possibilitará a participação das cooperativas, investidores e cooperados com participações diferenciadas nos projetos novos, de acordo com a capacidade de acreditar que esses projetos estão corretos e atendem as nossas necessidades e capacidade de investir de cada um. O associativismo, nos moldes que temos hoje (a ABAPA – Associação dos Produtores de Algodão da Bahia, a AIBA – Associação dos Produtores e Irrigantes da Bahia, os sindicatos, as entidades de classes, os clubes de serviços, Rotary, Lions, Maçonaria) tem o papel de traçar um corte na sociedade, discutir e dar alternativas para os governantes e representantes do povo nos rumos da sociedade.

O que encarece mais a produção de algodão: as pragas ou a falta de infraestrutura aliada aos altos custos com a logística?

As pragas, no primeiro instante têm um impacto mais direto que a infraestrutura. Elas ocorrem dentro da propriedade, precisam ser diagnosticadas, compreendidas, combatidas e eliminadas. Se não formos eficientes neste quesito, não participaremos da próxima falha do processo que é a infraestrutura. A infraestrutura tem um peso maior após a porteira da fazenda, nas estradas, ferrovias, portos, governo, burocracia e má vontade dos responsáveis pelas estratégias de desenvolvimento. Perdemos muito nos dois casos e, o cooperativismo e associativismo, aumentam nossa capacidade de resistir a ambos.

Com o controle fitossanitário que vem sendo adotado será possível evitar a criação de uma superpraga causada pelo uso demasiado de defensivos?

O manejo fitossanitário que vem sendo adotado possibilitará que nossos agricultores planejem com mais cuidado e precaução os próximos anos, compreendendo, assim, que agricultura é um sistema de produção de uma sequência de culturas diferentes. Teremos um planejamento agrônomo - plantando várias culturas, soja, milho, algodão, feijão, girassol, cevada, capim, café etc.; aproveitando o resíduo de cada uma para a próxima etapa; e um planejamento econômico, baseado no retorno de cada uma, preço de venda e custo, nas condições de necessidades de consumo de cada uma e onde e quando será mais interessante vender.

Quais são os principais entraves para que, de fato, haja a verticalização da cadeia produtiva na região?

Educação. O conhecimento adquirido através das escolas, universidades, institutos de pesquisas; a atividade de cada um, vivência na atividade rural e citadina; tudo isso possibilitará o alicerce para a agricultura começar a industrializar os produtos e agregar preço em cada etapa de modificação dos mesmos, sem perder a qualidade. A capacidade de empreender e a maturação da próxima geração, completará este ciclo.

A ALTERNATIVA

Para Celestino Zanella, agricultor e presidente da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), o conhecimento adquirido através da educação, vivências e outras experiências vai alicerçar a agricultura para a verticalização da cadeia produtiva



“A possibilidade de produzirmos malte com elevada qualidade gera expectativa de uma maltearia, fábrica de rações para gado leiteiro, suinocultura, rotação com trigo, moinho de trigo, fábrica de biscoitos, bolachas, pizzas...”

Como o senhor avalia a introdução de novas variedades de algodão no mercado? A fibra desses produtos compete com a que já é produzida aqui na região?

A tecnologia deve sempre apresentar novos desafios para os produtores rurais. Novas variedades são uma benção ou maldição, dependendo do conhecimento que temos de saber qual e onde devemos usar esta ou aquela variedade. O equilíbrio deve sempre ser o vencedor. Ao abusar da transgenia no milho perdemos a tecnologia em poucos anos. Devemos evitar no algodão o mesmo fato do milho. Na soja é muito mais importante, pois as proteínas contidas nos eventos são as mesmas do algodão, com a diferença que a soja tem um ciclo menor e não tem o BICUDO como praga.

Quais as expectativas para a safra de 2015?

A safra 2015 será uma emoção nova - a cada ano, uma emoção diferente na Bahia. A soja e o milho sofreram com a falta de chuvas regradas em algumas regiões, justamente no período de floração e enchimento de grão, ocasionando perdas localizadas. O algodão teve uma apreensão muito grande no início do plantio e acalmado com as chuvas mais regulares. Está numa fase vegetativa boa.

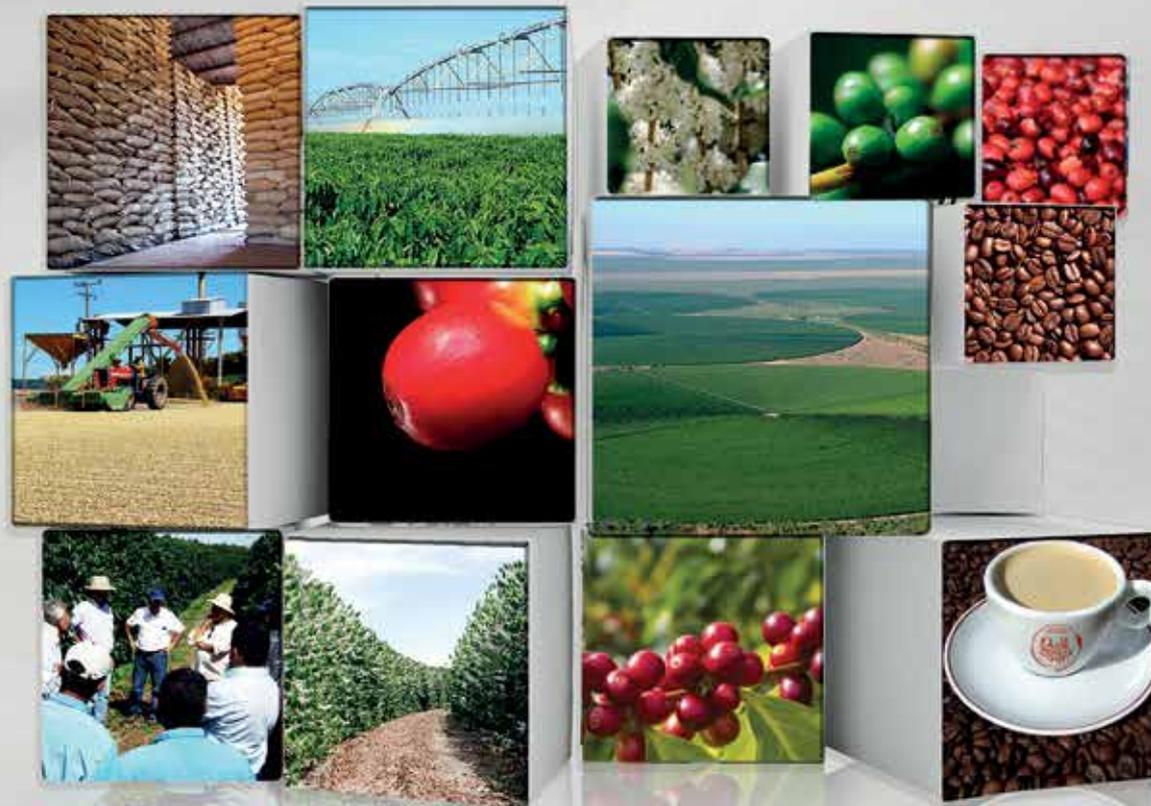
Como anda o experimento de cevada? O Oeste pode se tornar um dos maiores produtores desta planta no Brasil?

A cevada, como as outras culturas que serão ou estão sendo testadas, gerará uma expectativa nova. A possibilidade de produzirmos malte com elevada qualidade gera expectativa de uma maltearia, fábrica de rações para gado leiteiro, suinocultura, rotação com trigo, moinho de trigo, fábrica de biscoitos, bolachas, pizzas.... E ainda podemos tomar uma boa cerveja produzida com nosso próprio malte.

Diz-se no meio que a tecnologia reduz o impacto da seca. Mas, como vai se virar aquele que não tem essa tecnologia?

Voltará a estudar e aprender com os mais capazes, por isso a educação tem que vir da universidade para o campo, retornar para a universidade e voltar novamente para o campo. Ao fazer este ciclo ininterrupto a tecnologia contribuirá para o aumento da produção racional de alimentos com tecnologia e bom senso. Temos países que constroem uma barragem por dia, nos últimos setenta anos, e no Brasil não podemos fazer barramentos para irrigação. Armazenar água em períodos de chuvas é perenizar a água nos períodos secos. Irrigar com eficiência é dobrar, triplicar a produção sem desperdiçar energia, insumos, máquinas, trabalhadores ou água.*

O Aroma DO CAFÉ DO Oeste da Bahia TEM PADRÃO DE QUALIDADE ABACAFÉ.



Com a união e dedicação dos melhores produtores de café arábica do Oeste da Bahia, estamos construindo uma das cafeiculturas mais modernas do mundo. Nosso café é cultivado em área 100% irrigada e fortemente mecanizado e emprega mão-de-obra altamente qualificada. O resultado dessa combinação é notória: são elevados os níveis de produtividade, a bebida é reconhecida pela qualidade, acima de 75 pontos pela SCAA*, e, permitem a obtenção do Signo de Indicação Geográfica.

*SPECIALTY COFFEE ASSOCIATION OF AMERICA.

REGIÃO OESTE DA BAHIA

04	15.000	30	480.000
MUNICÍPIOS	HECTARES	PRODUTORES	SACAS ANUAIS

MÉTODOS DE PROCESSAMENTO

NATURAL, CEREJA, DESCASCADO, DESPOLPADO

MUNICÍPIOS PRODUTORES:



abacafé
Associação dos Cafeicultores do Oeste da Bahia



adm@abacafe.org.br / (77) 3628-2356 www.abacafe.org.br
Rua Sergipe, 388, Bairro JK - Luís Eduardo Magalhães/BA - 47850-000



apoia o desenvolvimento do Agronegócio do Oeste da Bahia

Com curso de Agronomia implantado desde 2007, instituição já qualificou 110 profissionais e fomenta pesquisas e eventos que incentivam a busca de novas técnicas e soluções agrícolas para o campo.

Como uma das principais instituições de ensino superior do Oeste da Bahia, a Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB) vem contribuindo nos últimos 15 anos com o desenvolvimento econômico social da região. Um dos setores básicos da economia, o agronegócio, vem sendo constantemente apoiado com a capacitação de mão de obra qualificada e com pesquisas científicas que incentivam a busca de novas técnicas e soluções agrícolas para o aumento da produtividade no campo.

Desde 1999 com a chegada do Curso de Administração em Comércio Exterior a instituição se preocupa em investir nas demandas advindas do Agronegócio. Já em 2007 com a implantação do Curso de Agronomia, a FASB apoiou a qualificação de 110 profissionais que hoje prestam consultorias e assistência técnica em propriedades agrícolas e em empresas de insumos e defensivos agrícolas, ou integram o campo de pesquisa em centros para o desenvolvimento de novas técnicas para a agricultura da região. É o caso da egressa Erica Alcântara, que se formou em 2014, e atua na execução de projetos de topografia para mapeamento de propriedades rurais. "A Faculdade foi a base e o direcionamento para a minha carreira."

O professor Ms. Jorge da Silva, coordenador do curso de Agronomia da FASB, explica que o curso de Agronomia acontece com o processo de ensino-apren-

dizagem por meio de aulas teóricas e práticas, em busca de trabalhar a realidade local e regional. "Com isto, a instituição busca desenvolver as habilidades e competências no aluno, formando um profissional completo e capacitado para atender as exigências do mercado."

O diretor-presidente Tadeu Bergamo, acredita no desenvolvimento contínuo da FASB em consonância com o crescimento do agronegócio no Oeste da Bahia. "A instituição está presente na tentativa de atuar juntamente com o curso de Agronomia na capacitação de mão de obra e pesquisas para apoiar o setor agrícola a avançar cada vez mais com a tecnologia no campo," afirma.

Infraestrutura - O curso disponibiliza aos seus acadêmicos uma infraestrutura moderna com laboratórios de Desenho Técnico, de Biotecnologia, Microbiologia, Alimentos, Química e Informática, além de salas de aulas climatizadas e equipamento multimídia. A instituição conta com uma área de Campo Experimental com sistemas de irrigação e viveiro de mudas e condução de trabalhos de pesquisa e iniciação científica.



Plantio antecipado da soja irrigada promove diversos ganhos



por **JORGE DA SILVA JÚNIOR**

Professor da Universidade do Estado da Bahia e coordenador do curso de Agronomia da Faculdade São Francisco de Barreiras

Uma forma eficiente de eliminar plantas vivas de soja no campo e de evitar a ponte verde de pragas e doenças se dá pelo uso do Vazio Sanitário, principal ação de impedimento da proliferação da Ferrugem Asiática. No estado da Bahia essa tarefa é realizada pela Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB). Na safra 2014/15, após diversas reuniões e estudos de viabilidade, permitiu-se a antecipação do final do Vazio Sanitário para os produtores de soja, com cultivo irrigado. Dessa forma foi possível iniciar o plantio da cultura no dia 1º de outubro de 2014. A ação foi condicionada ao acompanhamento da condução das lavouras principalmente no monitoramento de pragas e de doenças, viabilizada através de parceria firmada entre a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), ADAB, Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), e Instituições Regionais de Ensino Superior, entre as quais: a Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

As Instituições de Ensino Superior disponibilizaram 12 estudantes concluintes do curso de Agronomia e professores da área de ciências agrárias, que com as estruturas laboratoriais efetuaram as análises previstas para o Programa Fitossanitário da Soja Irrigada 2014. Cabe ressaltar ainda que estes laboratórios, tanto na FASB como na UNEB, tiveram uma atualização de equipamentos necessários para essas análises realizadas pela Aiba/Fundeagro.

O Programa Fitossanitário da Soja foi dividido em 2 etapas: na primeira foi definida a escolha e adequação de metodologia para a coleta de dados, enquanto que, na segunda, foram

selecionados e treinados os estudantes para monitoramento de pragas nas fazendas. Os treinamentos consistiram em identificação, metodologia de coleta e quantificação de pragas como mosca branca (*Bemisia tabaci*), lagartas desfolhadoras da soja (*Helicoverpa armigera* e outras lagartas de importância econômica) e, identificação dos propágulos (uredósporos) do fungo, *Phakopsora pachirhizi*, causador da Ferrugem Asiática da Soja. Houve ainda um treinamento para manuseio de equipamentos de campo, como GPS para coleta de coordenadas geográficas, descarregamento dos dados coletados, bem como a sistematização das coletas dos insetos e preenchimento de formulários de monitoramento.

Segundo a recomendação de várias autoridades científicas, o controle das principais pragas da soja deve ser feito com base nos princípios do Manejo Integrado de Pragas - MIP, que consiste em tomadas de decisões baseadas no (i) nível de dano econômico; e, (ii) no monitoramento do número e tamanho dos insetos; e, no estágio de de-

FOTOS: ASCOM AIBA



Figura 1 Caminhamento em zigue-zague realizado no monitoramento de pragas e coleta de folhas de soja.



Figura 2 Análise das folhas coletadas em campo com auxílio de uma lupa estereoscópica no laboratório da UNEB, campus IX, Barreiras (BA).



Figura 3 Estagiário realiza anotações durante o monitoramento de pragas na soja.

envolvimento da soja, escolhendo-se assim a medida de controle mais eficiente a ser utilizada.

Definidos os procedimentos deste Programa Fitossanitário foram iniciadas visitas numa amostra aproximada de 10% de área total de 25.000 ha, autorizada para plantio no Vazio Sanitário, visando a coleta de dados sobre a população dos principais insetos pragas da cultura na região, verificação de possíveis focos de Ferrugem da Soja e, anotação dos casos de tiguera, quando ocorriam.

As visitas às fazendas foram viabilizadas com o apoio da ABAPA que cedeu técnicos e veículos do Programa de Controle do Bicudo para a logística dos estagiários até as propriedades. No local, o monitoramento foi realizado por meio do caminhamento em zigue-zague na lavoura, demarcando e georreferenciando de 6 a 10 pontos de coletas de dados (ver Figura 1).

Em cada ponto de coleta, foi empregado o uso do pano de batida com sacudidas vigorosas das plantas e, em se-

guida observado a ocorrência de pragas, identificando, quantificando e armazenando-as em sacos (folhas) ou recipientes (lagarta) plásticos. Os materiais coletados foram direcionados aos laboratórios das faculdades para a identificação correta de cada praga e diagnose de doenças (ver Figura 2), que em caso positivo seriam encaminhadas à ADAB.

Um dos pontos de maior importância na implantação do programa foram o acompanhamento dos níveis populacionais das pragas e focos de doenças, verificando se essas seriam potenciais fontes de disseminação para áreas circunvizinhas e outros ciclos de cultivo em caso de não controle efetivo. Portanto, o monitoramento foi redobrado. Ou seja, além do manejo de pragas adotado pelas fazendas, estabelecido no Plano Simplificado de trabalho, realizou-se também o monitoramento nas fazendas isoladamente pelos estagiários, verificando assim a eficiência das ações.

De forma geral, foi constatada, no decorrer do ciclo da soja cultivada, a ocorrência das pragas: Mosca Branca (*Bemisia tabaci*), Helicoverpa armigera, Falsa Medideira (*Chrysodeixis sp.*), Percevejos Marrom e Barriga Verde. No entanto, a maioria dessas estiveram em níveis populacionais abaixo do Nível de Controle estabelecido pelo Monitoramento Integrado de Pragas (MIP). De modo geral, a praga com maior incidência generalizada em todas as fazendas foi a Mosca Branca, sendo necessárias intervenções frequentes para a redução populacional. Quanto aos sinais prematuros do fungo causador da Ferrugem Asiática, *P. pachirhizi*, não foram identificados focos nas fazendas vistoriadas. Já em relação às tigueras, houve ocorrência em algumas fazendas em áreas de milho (*Zea mays*), sendo recomendada a eliminação das mesmas em tempo hábil, de forma a evitar prejuízos na produção.

Nessa safra antecipada, os produtores cultivaram e colheram a soja irrigada durante o período de outubro/2014 e Fevereiro/2015, permitindo estender a janela para o plantio seguinte, na maioria dos casos de algodão. Essa flexibilidade do plantio antecipado da soja permitiu que os produtores aperfeiçoassem a matriz de produção, sendo reduzidos os custos e obtido aumento na produtividade.

Outro aspecto considerado foram os ganhos sociais. Por meio deste Programa, além de oferecer oportunidade de formação complementar para os estudantes participantes, pode-se verificar que com o acompanhamento adequado das pragas e doenças, é possível se antecipar o cultivo sem prejudicar demais cultivos sucessores ou cultivos de sequeiro. Parcerias como esta assumem papel fundamental de compromisso com a sociedade e com os produtores, podendo formar técnicos mais capacitados para o mercado de trabalho, e realizar ajustes nas janelas de cultivo de soja irrigada trazendo ganhos para a região.*

CCAB: maior aliança entre agricultores da América Latina*

Desde a introdução da agricultura no cerrado brasileiro em meados da década de 70, o agricultor padece com o ataque de novas e agressivas pragas e doenças. A ferrugem da soja, em especial, exigiu um novo modelo de suprimento de insumos economicamente viável para as novas fronteiras agrícolas.

Assim, em maio de 2006 surge o Consórcio Cooperativo Agropecuário Brasileiro (CCAB), uma iniciativa de cooperativas ligadas ao setor, com o objetivo de buscar registros para produtos genéricos de defensivos agrícolas, fundamentais para a conjuntura do mercado brasileiro.

A ideia sempre foi atuar de forma empresarial e oferecer a seus associados alternativas de produtos agroquímicos que compõem grande parte dos custos de produção. Nasce então, a CCAB Agro, carro-chefe do Consórcio, e especialista na negociação e obtenção de registros de produtos junto aos órgãos reguladores.

Sua estrutura robusta, pautada na excelência da governança corporativa já lhe garantiu saldos positivos de investidores, tanto de agricultores cotistas, como de multinacionais de agroquímicos genéricos, líderes no mercado.

Recentemente, no mercado de capitais, a CCAB emitiu, com grande sucesso, a segunda operação do CRA (Certificado de Recebíveis do Agronegócio), uma operação financeira com lastro nas duplicatas dos clientes, que juntos, compõem um fundo de investimento oferecido aos investidores através de bancos, com rentabilidades atrativas e com baixo risco.

Avaliada pela Standard and Poor (S&P), agência americana que analisa e pesquisa bolsas de valores e títulos, a companhia obteve a nota "AAA", a melhor classificação da agência, ratificando a credibilidade da empresa no mercado, inclusive no financeiro.

Hoje, a CCAB tem em seu quadro de associados 20 cooperativas e grupos agropecuários, com produtores presentes nos estados da Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, Tocantins, Goiás, Piauí e Mato Grosso do Sul.



20

cooperativas associadas

5

estados em atuação

83

processos de registros

11

produtos registrados

2

aprovados em caráter emergencial

PRODUTOS*

Acetamiprid CCAB 200 SP

Imazetapir CCAB 106 SL

Clorimuron CCAB 250 WG

Carbendazim CCAB 500 SC

Cipermetrin 250 EC CCAB

Permetrin 384 EC CCAB

Tebuconazole CCAB 200 EC

Glifosato CCAB 480 SL

Lambda cialotrina CCAB 50 EC

Inoculante CCAB

Hz-NPV CCAB (Registro Emergencial)

Citroil CCAB (Marca Exclusiva)

Emamectin benzoato CCAB 50 WG (Autorização)



*Portfólio atrativo

Atualmente, a CCAB Agro possui mais de 83 dossiês de produtos formulados protocolados em órgãos reguladores, 11 já registrados e dois aprovados em caráter emergencial. O resultado é uma empresa de grande ativo entre os produtores associados, provedora de agroquímicos e de soluções para as culturas de algodão, soja e milho.

O ataque da lagarta *Helicoverpa Armigera* na safra de 2012/2013 testemunha um dos trabalhos da CCAB com o setor, em especial com os agricultores, com a introdução do vírus HzNPV no mercado brasileiro, um produto biológico de ocorrência natural que infecta e mata a lagarta sem eliminar os inimigos naturais da lavoura. Recentemente, obteve a autorização emergencial temporária para o uso do Benzoato Emamectina. A aplicação do defensivo obedece a legislação vigente, alinhada com os órgãos governamentais federal e estadual. Mais de mil aplicadores de defensivos agrícolas de todo o país foram habilitados pela CCAB para o uso correto e seguro do produto.

Agora, a meta é alcançar mercados ainda maiores e se transformar na empresa com o mais completo portfólio de produtos genéricos do país com amplo espectro de culturas e alvos.



CCAB Agro S.A.

Rua Teixeira da Silva, 660 - Sala 133/134
Paraíso - São Paulo (SP)
Tel.: (11) 3889.5612
www.ccab-agro.com.br



No dia 27 de fevereiro, a Círculo Verde Assessoria Agrônômica & Pesquisa, promoveu “Um dia no Campo”, constituído por dois eventos destinados a produtores rurais, agrônomos, técnicos agrícolas e demais profissionais do agronegócio da soja e milho: o “VII Dia de Campo da Círculo Verde”, que aconteceu pela manhã no Campo de Validação, em Luís Eduardo Magalhães (BA), e o 1º Dia de Campo “Manejo de Nematóides”, à tarde, na Fazenda Santa Cruz (do Grupo COM), em Barreiras (BA), em parceria com a CPM Agrícola e AG Análises e Pesquisa Agrícola.

Com público aproximado em 500 pessoas, os dois eventos abordaram assuntos de extrema relevância no contexto da produção agrícola regional, como o “Programa Fitossanitário do Oeste da Bahia”; “Eficiência dos fungicidas para controle da ferrugem asiática”; “Controle de *Spodoptera frugiperda* por milhos Bt no Oeste da Bahia”; “Podridões do colmo do milho”; “Danos e manejo da mosca branca”; “Manejo de fitonematóides, com ênfase em *Meloidogyne*, *Pratylenchus* e *Heterodera*”; “Resultados de pesquisa do manejo de fitonematóides com cobertura vegetal e produtos biológicos”.

Os participantes também tiveram oportunidade de visualizar no Campo de Validação 60 cultivares de soja (RR, Intacta e convencional) e 16 híbridos de milho, indicados para a nossa região.

No VII Dia de Campo da Círculo Verde as apresentações técnicas foram ministradas pelas equipes de pesquisa e consultoria da Círculo Verde, além de convidados das instituições Embrapa Milho e Sorgo (Dr. Rodrigo Veras) e Unep (Dr. Marco A. Tamai). No 1º Dia de Campo “Manejo de Nematóides” as palestras foram realizadas pelo Celito E. Breda (Círculo Verde), Geliane C. Ribeiro (AG Análises e Pesquisa Agrícolas.) e Mario Inomoto (ESALQ/USP), além das empresas parceiras, Alta Agrícola, Amasolo, Ballagro, Fortgreen, JCO Bioprodutos, Koppert e Syngenta.



Assessoria Agrônômica
& Pesquisa

MELHORIAS

Só da Estrada dos Pivôs, em São Desidério, foram recuperados 165 km

Pela conservação dos recursos naturais

EM POUCO MAIS DE DOIS ANOS, PROJETO DESENVOLVIDO PELA ABAPA EM PARCERIA COM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS JÁ RECUPEROU 380 KM DE ESTRADAS VICINAIS

da **REDAÇÃO**

Com o Projeto Patrulha Mecanizada, a garantia de uma safra de algodão vai além dos cuidados com a lavoura. Lançado em 2013, pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), o projeto de Conservação dos Recursos Naturais da Lavoura de Algodão e escoamento da Produção, recuperou cerca de 380 km de estradas, tendo a preservação ambiental, como um dos principais focos.

Desde a sua implantação, o projeto construiu cerca de 2.200 bacias de captação de água pluvial, cerca de 2 mil desvios laterais de água e cerca 250 terraços. Em vez da impermeabilização das estradas, a ação trabalha com a compactação do solo, garantindo o escoamento adequado da água e demais práticas que contribuem para a conservação do solo e preservação do lençol freático.

De acordo com o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), idealizador do projeto e produtor da região, João Carlos Jacobsen, o Patrulha Mecanizada, representa ganhos econômicos, sociais e ambientais. “No aspecto ambiental mantemos as águas sob controle para que se infiltrem no solo sem causar erosões, realimentando

o lençol freático que reabastece nossos rios e nascentes; do ponto de vista social, facilita a locomoção de pessoas, especialmente automóveis que passam a transitar com mais previsibilidade e tranquilidade; e do ponto de vista econômico, garante a redução do custo de manutenção dos veículos e caminhões, diminuindo significativamente o custo dos fretes, evitando acidentes com cargas de alto valor, e também garante a programação de entrega e recebimento da produção e insumos imprescindíveis para boa condução das lavouras. Enfim, melhora a vida das pessoas em todos os aspectos”, disse Jacobsen.

Para o presidente da Abapa, Celestino Zanella, a iniciativa da patrulha mecanizada, tem como princípio, a conservação dos solos nas estradas e áreas adjacentes. “Ao elevarmos, abaularmos, compactarmos, nivelarmos, retermos e escoarmos as águas pluviais nas estradas, evitamos a criação de buracos, atoladouros e erosão nos leitos e laterais nos caminhos de escoamento de nossa produção, assim como o fornecimento dos insumos para as fazendas. O benefício imediato é o barateamento do transporte de insumos e produção, diminuição de manutenção de veículos de transporte e satisfação dos usuários”, enfatizou Zanella.

A ação beneficiou diretamente uma área de 440 mil hectares na região, e já recuperou cinco estradas, a Estrada Rio de

Barreiras

43 km
Estrada Rio de Pedras



58 km
Estrada do Café,
Anel da Soja



São Desidério

33 km
Rodovia da Soja,
Roda Velha



165 km
Estrada dos Pivôs



Formosa do Rio Preto

78 km
Estrada da Estrondo



Luís Eduardo Magalhães

45 km
Estrada Alto Horizonte



380 km
recuperados

Pedras (Barreiras), Rodovia da Soja (São Desidério), Estrada do Café (Barreiras), Estrada da Estrondo (Formosa do Rio Preto) e Estrada dos Pivôs (São Desidério).

O projeto é viabilizado através de uma parceria entre Abapa, produtores da localidade e Prefeitura Municipal de cada município beneficiado, e conta com recursos provenientes do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA) e Fundeagro.

Nova estrada recuperada - Atualmente, o Patrulha Mecanizada recupera a Estrada Alto Horizonte, no município de Luís Eduardo Magalhães. Nessa obra, será recuperado um trecho de 45 km, que compreende cerca de 50 mil hectares e beneficia aproximadamente 40 produtores, duas comunidades e cerca de 500 habitantes.*

Sustentabilidade no CAMPO



**Há 15 anos
no Oeste da Bahia
desenvolvendo soluções
de manejo Químico,
Físico e Biológico.**

www.jcofertilizantes

Os desafios da pecuária no Vale

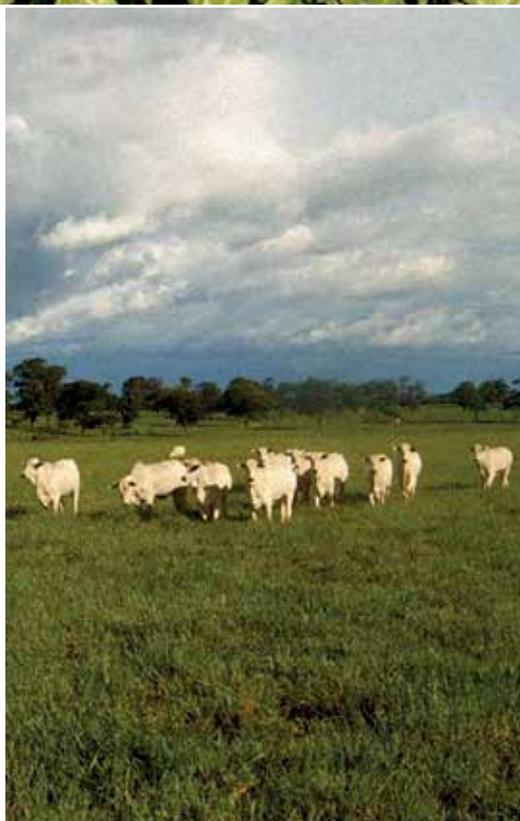
APENAS 20% DO POTENCIAL DA ÁREA É USADO PARA A ATIVIDADE. NO ENTANTO, INDEPENDENTE DOS OBSTÁCULOS, ALGUMAS FAZENDAS SÃO RECONHECIDAS NACIONALMENTE PELA QUALIDADE GENÉTICA E SANIDADE

por **IVANA PEREIRA DIAS**

Com cerca de 2 milhões de bovinos, principalmente nelore, a pecuária do Vale explora apenas 20% de sua área potencial. A baixa qualidade do solo e falta de tecnologia são os principais responsáveis. O criador tenta evoluir na produção de forragem, suplementação nutricional e em tecnologia genética, mas o alto investimento em fertilizantes e maquinários o impede de fazer aquilo que deveria fazer. Um dos maiores desafios da pecuária local é otimizar a produção de alimento para o gado com pastagens adequadas e a um menor custo.

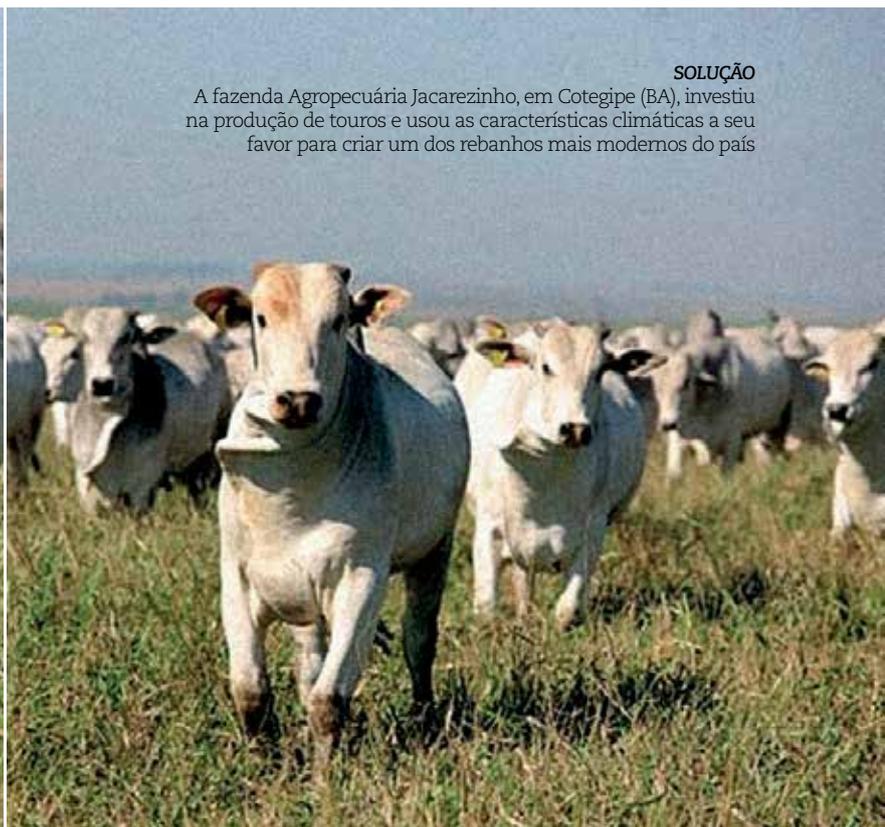
“Uma vez plantado um pasto resistente - branquidão ou antropólogo, se ele é degradado e não é refeito, a oferta de forragem diminui. O pecuarista pode, se possível, utilizar-se da solta, colocar o gado na mata para se alimentar - o que é uma ferramenta muito delicada. Porque é difícil quantificar o alimento que existe ali e mesmo que se quantifique, normalmente, não é um volume muito grande que consiga dar suporte à necessidade nutricional do gado por um extenso período”, explicou Cezar Busato, presidente da Associação dos Criadores de Gado do Oeste da Bahia (Acrioeste).

Outra característica do vale é a baixa pluviosidade, com irregularidades que podem agravá-la. Devido as necessidades



EXEMPLO

A fazenda Japaranduba já produziu grandes campeões da raça nelore. O manejo adequado do solo garante produção de ração e alimentação adequada



SOLUÇÃO

A fazenda Agropecuária Jacarezinho, em Cotegipe (BA), investiu na produção de touros e usou as características climáticas a seu favor para criar um dos rebanhos mais modernos do país



ASCOM AIBA

AVALIAÇÃO

Para o presidente da Acrioeste, Cezar Busato, apesar do Vale estar mais voltado para a pecuária de corte, a região tem um forte potencial para a pecuária leiteira. “Utilizando raças adaptadas ao clima e nutrição adequada pode-se atingir médias superiores a 18 litros diários”

hídricas das pastagens, ela é menos suscetível a veranicos curtos, porém a antecipação do final das chuvas e a redução de volume total tem impactos negativos sobre o sistema de produção.

Ao comparar a pecuária da região com a do Goiás – considerada uma das mais fortes do país -, Busato diz que o solo do Estado vizinho é extremamente fértil e que lá se pratica uma pecuária sem aporte de insumos. Diferente da realidade do Oeste da Bahia, onde não se produz nada sem tecnologia e insumos.

“Os solos do cerrado são muito pobres, isso é um fato. Aqui temos mais potássio, mais magnésio e mais cálcio. Mas não temos fósforo, e sem ele a planta não consegue expressar o seu potencial. O fósforo é muito caro, ainda mais que quem baliza o seu preço é a soja. O que o Vale precisa, basicamente, é investir em fósforo, porque os solos são de origem calcária e tem uma saturação maior e características agrônômicas melhores”, disse.

No entanto, apesar desses obstáculos, algumas fazendas da região são referência nacional em qualidade genética e sanidade. A Japaranduba, por exemplo, tem em seu histórico grandes campeões da raça nelore; a Jacarezinho, por outro lado, investiu na produção de touros e aproveitou as características climáticas a seu favor para criar um dos rebanhos mais modernos do país.

Apesar do foco principal ser a pecuária de corte, existe também na região uma produção leiteira expressiva: 15 a 18 litros de leite por dia. “O potencial de desenvolvimento do rebanho leiteiro é muito grande. Utilizando raças adaptadas ao clima e nutrição adequada - fator facilitado pela disponibilidade de produtos e subprodutos agrícolas -, pode-se atingir médias superiores a 18 litros de leite diários. No Nordeste a média é de menos de 10 litros diários. Este incremento de produtividade viabiliza o sistema produtivo leiteiro e garante emprego e renda para diversas famílias”, diz Busato.*

A segurança jurídica da regularização ambiental da propriedade rural



por **ALESSANDRA CHAVES**

Diretora de Meio Ambiente da Aiba, bióloga, especialista em gestão de recursos hídricos, mestre e doutora em Botânica

As recentes alterações nas legislações do Brasil têm mostrado a importância do produtor rural manter a sua propriedade regularizada. Com a publicação do Código Florestal Brasileiro, Lei nº 12.651/2012, avanços foram trazidos e novas perspectivas para a regularização ambiental da propriedade rural foram instituídas, a exemplo do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e normas mais específicas para áreas já consolidadas -Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal.

Seguindo a perspectiva nacional, o Estado da Bahia, também trouxe avanços e segurança jurídica com a publicação do Decreto Florestal nº 15.180/2014, uma vez que temas importantes para a consolidação e expansão da agricultura no Estado foram abordados nos diferentes capítulos e seções. Entre os aspectos relevantes tratados neste decreto, têm-se a Exploração Florestal, o Uso Alternativo do Solo, a Reposição Florestal e o Programa de Regularização Ambiental que, por sua vez, traz o Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais (Cefir), denominação para o Estado da Bahia ao Cadastro Ambiental Rural, previsto no art. 29 da Lei Federal nº 12.651/2012.

No contexto da regularização ambiental, adesão ao Cefir é obrigatória, bem como o cumprimento do proposto no Programa de Regularização Ambiental (PRA), sendo este último vinculado a propriedades com passivos ambientais, em especial as áreas de APP e Reserva Legal.

O Código Florestal define APP, como área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, além de facilitar o fluxo genético, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. O art. 4º desta legislação, descreve quais áreas apresentam estas particularidades, devendo ser preservadas e/ou recuperadas considerando o grau de antropização. Entre as delimitações para APPs no artigo acima citado, destaca-se as faixas marginais de qualquer curso d'água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima consideradas na tabela 1, que deverão ser preservadas.

Além das margens de cursos d'água, outros pontos são delimitadas como APP, na Lei nº 12.651/2012, atributos igualmente importantes, entre estes as veredas que deverão ser preservadas a faixa marginal em projeção horizontal, uma largura mínima de 50 metros, a partir do espaço permanentemente brejoso e encharcado; e entorno das nascentes e dos olhos d'água perenes - qualquer que seja sua situação topográfica, no raio mínimo citado.

Assim, além das APPs que podem ou não acontecer dentro do imóvel rural, tem-se a obrigatoriedade da existência de reserva legal, que em áreas localizadas no cerrado é estabelecida em 20% com vegetação nativa.

As novas legislações ambientais contribuíram de forma positiva para o equilíbrio ambiental com o fomento a recuperação das áreas de Reserva Legal



Na existência de passivos ambientais associados às Áreas de Preservação Permanentes (APPs) e Reserva Legal, as legislações abordam diferentes critérios para recomposição a que estão vinculados a:

1) Adesão ao Programa de Regularização Ambiental (PRA), seguindo-se da emissão de Termo de Compromisso no ato do registro ao Cefir, com definição de prazo máximo de até 20 anos para constatação do efetivo processo de recomposição de áreas, onde se admite cronograma de implantação de 1/10 a cada 2 anos; 2) A recuperação poderá ser realizada por meio de condução da regeneração natural, adensamento, enriquecimento, controle e/ou erradicação de espécies exóticas invasoras, com plantio total de sementes ou de mudas, ou ainda da combinação deles, de acordo com as características da área a ser recuperada; 3) Para as áreas de Reserva Legal com passivos, poderá optar-se pela reconstituição ou compensação para áreas consolidadas antes de 22 de julho de 2008, seguindo-se as diretrizes da legislação federal e estadual vigente, devendo ser observada a possibilidade do cômputo das Áreas de Preservação Permanente no cálculo do percentual da Reserva Legal do imóvel nos termos do art. 15 da Lei nº 12.651/2012; 4) Em optando-se pela compensação por outra área equivalente em importância ecológica, desde que pertencente ao mesmo bioma.

Considerando a previsão legal, a opção do produtor rural em utilizar a compensação ambiental para a alocação das suas Reservas Legais, este deverá proceder mediante a: 1) aquisição das Cotas de Reserva Ambiental (CRA); 2) aquisição ou arrendamento de área sob regime de servidão ambiental, instituída na forma do art. 9º-A da Lei nº 6.938/1981; 3) vinculação de área equivalente e excedente à Reserva Legal, com vegetação nativa já estabelecida ou em processo adiantado de regeneração ou de recomposição; 4) ou ainda, a doação ao Poder Público de área localizada no interior de Unidade de Conservação de domínio público pendente de regularização fundiária. Contudo, para alocação das áreas destinadas a Reserva Legal, ressalta-se que as medidas de compensação não poderão ser utilizadas como forma de viabilizar a conversão de novas áreas para uso alternativo do solo e que nos casos de compensação de Reserva Legal, o imóvel gerador com ativos de vegetação, deverá estar inscrito no Cefir.

Para imóveis onde se tenha praticado supressão de vegetação nativa, sem autorização, em data posterior a 22 de julho de 2008, também deverão registrar-se perante o

LARGURA DO CURSO D'ÁGUA (metros)	FAIXA DE APP (metros)
Até 10	30
de 10 a 50	50
de 50 a 200	100
de 200 a 600	200
mais de 600	500

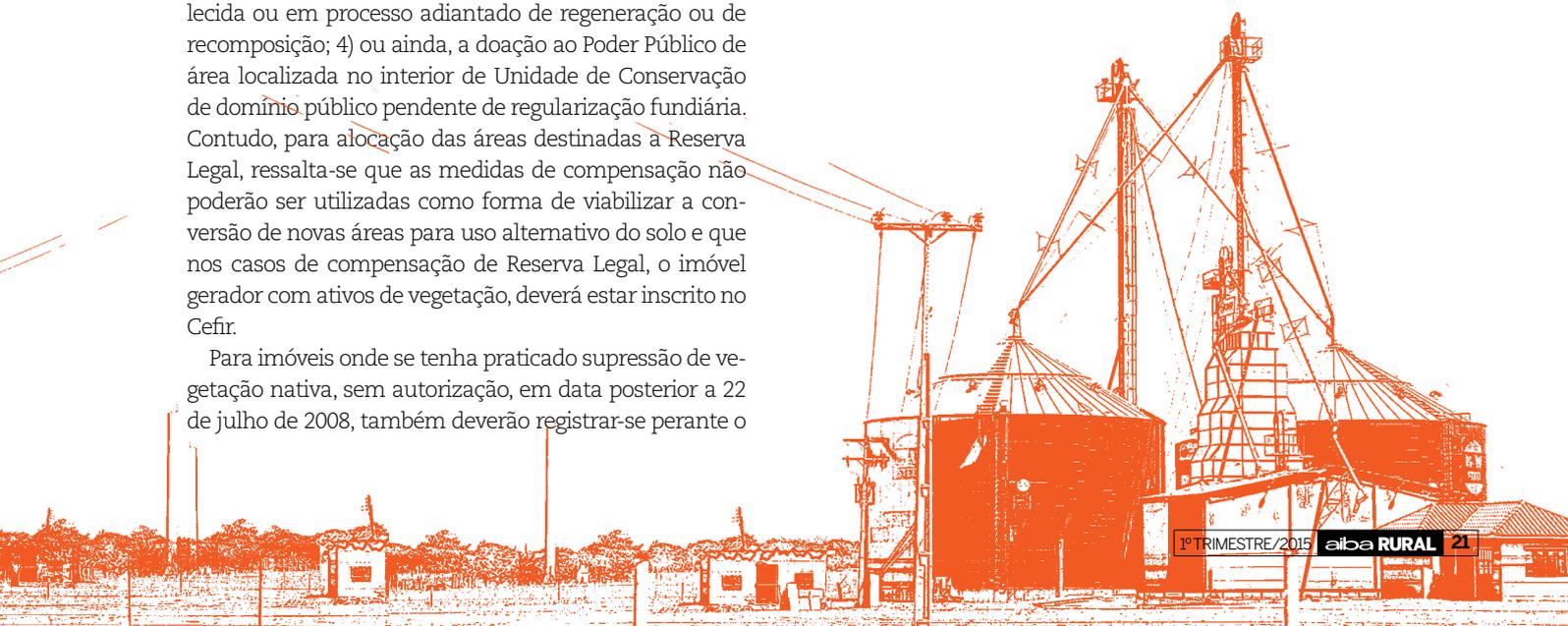
Tabela 1

Cefir para fins de sua regularização; entretanto, admite-se, o cômputo das Áreas de Preservação Permanente na Reserva Legal do imóvel, atendidos entre outros requisitos: que o benefício não implique na conversão de novas áreas para o uso alternativo do solo; a área a ser computada para este fim esteja conservada ou em processo de recuperação, conforme comprovação do proprietário ao órgão estadual integrante do Sisnama; respeitados a definição de módulos rurais estabelecidos pelo município; e o proprietário ou possuidor rural tenha requerido inclusão do imóvel no Cefir, conforme previsto no art. 15 da Lei nº 12.651/2012.

Considerando o proprietário ou possuidor de imóvel rural, com área de Reserva Legal conservada, inscrita no Cefir, cuja área ultrapasse o mínimo exigido por esta Lei, este poderá utilizar a área excedente para fins de constituição de servidão ambiental, Cota de Reserva Ambiental e outros instrumentos similares previstos na Lei, para fins de compensação de Reserva Legal de outros imóveis.

A regularização ambiental da propriedade rural está vinculada não somente a adesão ao Cefir, mas também a autorizações prévias de supressão de vegetação nas áreas destinadas ao uso alternativo do solo, outorga de uso da água em se tratando de agricultura irrigada e/ou dispensa do uso da água se necessário, além dos cumprimentos dos condicionantes propostos pelo órgão ambiental das esferas municipal, estadual ou federal, necessários a implementação e/ou operação de um empreendimento agropecuário.

Desta maneira, as publicações de novas legislações ambientais trouxeram grande avanço para regularização ambiental da propriedade rural e contribuem de forma positiva para o equilíbrio ambiental, com o fomento a recuperação das áreas de Reserva Legal e APP, e em paralelo permite uma maior segurança jurídica para que o agricultor possa continuar exercendo suas atividades em áreas já consolidadas, estabelecendo inclusive, prazos para correções e/ou compensação de passivos ambientais.*



CERRADO DA BAHIA: 40 anos

A PARTIR DE MEADOS DOS ANOS 1970, TECNOLOGIA E DISPOSIÇÃO DOS MIGRANTES TRANSFORMARAM A REGIÃO EM UMA DAS MAIS PRODUTORAS DO PAÍS. SÓ NOS ÚLTIMOS 15 A ÁREA PLANTADA SALTOU DE 797 MIL PARA 1,9 MILHÃO DE HECTARES

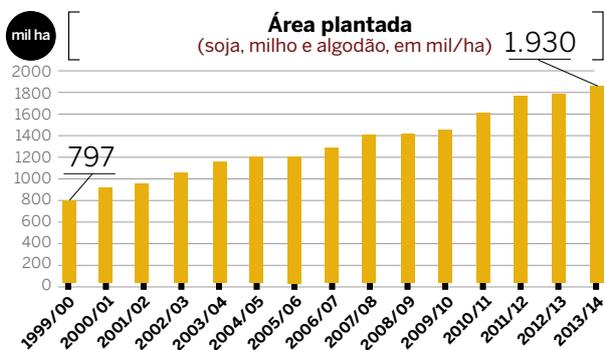


por **CRISTIANE PAMPLONA, LUIZ STAHLKE E C.FÉLIX**

O ano de 1975 marca o início do processo de desenvolvimento agrônomo do Oeste da Bahia, em especial do cerrado. Diferente de várias regiões do mundo, nas quais a agricultura se dá em terrenos férteis, o cerrado era caracterizado por um solo ácido e de baixa fertilidade. No entanto, beneficiado pelos estudos e técnicas que fizeram a correção do solo, pelas características geográficas e por políticas públicas de incentivo a ocupação, a região tornou-se uma das mais promissoras fronteiras agrícolas do país. Estima-se que na próxima década seja duplicada a produção de suas três principais culturas: soja, algodão e milho.

Com a migração de agricultores de várias regiões do Brasil - a maioria veio do Sul -, a partir da década de 1970, o cerrado desenvolveu uma agricultura empresarial, com uso de tecnologia de precisão e de sistema intensivo de manejo.

Só de milho, soja e algodão, o Oeste produz 6,8 milhões de toneladas por ano em uma área de 1,9 milhão de hectares. Essa produção deve ser duplicada até 2024, segundo estimativa da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), principal entidade representativa da classe produtora agrícola. É importante salientar que a região





PREVISÃO

De acordo com o histórico de produção crescente médio de 5% ao ano, daqui a 25 anos a região vai produzir em uma área superior a 5 milhões de hectares mais de 32 milhões de toneladas de soja, milho e algodão

ainda produz sorgo, capim, milheto, arroz, café, feijão e eucalipto. Na prática, a necessidade de diversificação do plantio e a necessidade da rotação de culturas da região segmentam seus campos produtivos. Por isso, a soja ocupa 1,4 milhão de hectares, o algodão 290 mil hectares e o milho 220 mil hectares, conforme perspectivas da safra 2014-2015.

O extremo Oeste possui clima com estações bem definidas, topografia plana e índices pluviométricos que contribuem para a definição dos limites territoriais indicados às grandes culturas. É privilegiada por uma extensa bacia hidrográfica com rios perenes que fica sobre o aquífero Urucuia. Tudo isso favoreceu a expansão das lavouras de sequeiro e a implantação de projetos de irrigação.

O solo predominante do cerrado da região é o latossolo vermelho e amarelo distrófico. Por isso a necessidade de correção da acidez com calcário e adubação química que propicia maiores produtividades. Isso transformou o agronegócio local na locomotiva econômica da região e um dos maiores produtores de grãos do Brasil. No entanto, dos 8 milhões de hectares do cerrado oesteino, menos de 2 milhões estão sendo efetivamente cultivados.

Com o constante aumento nos índices de produtividade, quebrando recordes, a agricultura da região vem demonstrando ao longo dos anos melhorias contínuas na produção agrícola. Decorrente desta excelência produtiva, há a expectativa de que futuramente uma grande indústria esmagadora de caroço de algodão seja instalada na região.

Hoje, a agricultura local destina 65% do que é produzido para os estados do norte e nordeste - o milho contribui com 90% da sua produção, a soja com 45% e o algodão com 30% da pluma e 95% do caroço. O excedente de algodão e soja vai principalmente para os países da Ásia.

Apesar da expansão agrícola do cerrado baiano e do agronegócio ter grande importância para a economia, principalmente a local, para continuar crescendo é preciso abrir novas áreas e investir em tecnologia. Atualmente, apenas 2,2 milhões de hectares da região é usado para a agricultura. No entanto, ainda há mais que o dobro de terras a serem incorporados. O maior desafio é produzir com sustentabilidade, desenvolver políticas públicas, destinar recursos - principalmente para infraestrutura e logística - e elaborar mecanismos financeiros para desenvolver regiões com elevada produtividade. Para isso, vários órgãos locais, vêm se articulando para garantir ações que promovam esse crescimento.

Exemplo disso é o Programa de Incentivo à Cultura do Algodão na Região Oeste da Bahia (Proalba), desenvolvido pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa). O programa concede ao produtor até 50% do ICMS devido sobre a comercialização do produto no mercado interno, desde que atenda aos critérios de qualidade pré-estabelecidos. Desse percentual 10% são destinados ao Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundeaagro), que investe a verba arrecadada em pesquisa, defesa sanitária e marketing.

Em uma perspectiva bastante otimista, depois de avaliar a ocupação e exploração do cerrado da Bahia nesses 40 anos e considerar o crescimento médio de 5% ao ano das áreas de soja, milho e algodão, estima-se que daqui a 25 anos a região vai cultivar em uma área superior a 5 milhões de hectares. Isto, respeitando a legislação e o código florestal vigente. Essa projeção implicará na chegada de indústrias, maior oferta de empregos, geração de renda e produção de alimentos em abundância.*

ASSOMIBA: UNIÃO EM PROL DO PROGRESSO.

Proporcionando a união das principais revendas de máquinas e equipamentos agrícolas do Oeste baiano para um agronegócio cada vez mais forte.



Agrovia



IROPEL



3628.330 - 3628.3409 - 9936.4332
Av. Jk Quadra 7 lotes 01,02, e 03 Bairro Imperial Imperial
Luís Eduardo Magalhães/BA

soja

Brasil vai colher a maior safra da história

A produção brasileira de soja em 2014/15 deverá totalizar 95,020 milhões de toneladas, com aumento de 10% sobre a safra da temporada anterior, que ficou em 86,623 milhões de toneladas. A previsão é de SAFRAS & Mercado, no seu relatório de fevereiro. No relatório anterior, divulgado em dezembro, a estimativa era de 95,904 milhões de toneladas.

Com a colheita encerrando entre abril e maio, SAFRAS indica aumento de 5% na área, que ficaria em 31,43 milhões de hectares. Em

2013/14, o plantio ocupou 29,887 milhões de hectares. O levantamento indica que a produtividade média deverá passar de 2.898 quilos por hectare para 3.038 quilos, com elevação de 4,8%.

Para a Bahia, a produção está estimada em 3,358 milhões de toneladas, que superaria em 8% o total colhido no ano anterior. Os baianos aumentaram em 5% o plantio, ocupando uma área de 1,420 milhão de hectares. A produtividade média está projetada em 3.000 quilos por hectare.

SAFRA 2014/15
ESTIMATIVA PARA O OESTE DA BAHIA

PRODUÇÃO



3,4
milhões de toneladas,
8% a mais que 2013/14

ÁREA PLANTADA



1,4
milhão de hectares, 5% a mais que o período anterior

milho

Produção deve recuar em 3%



A safra brasileira de milho deverá cair para 74,7 milhões de toneladas em 2014/15, conforme estimativa de SAFRAS & Mercado.

No ano anterior, a produção do país alcançou 77,2 milhões de toneladas.

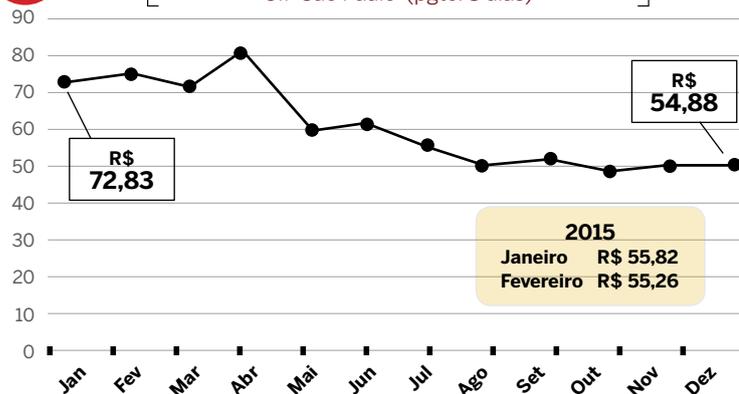
A previsão leva em conta uma safra de verão de 25,5 milhões de toneladas na região Centro-Sul, abaixo das 26,75 milhões de toneladas colhidas no ano anterior. Para a segunda safra, também conhecida como safrinha, a projeção é de queda de 45,2 milhões para 44,1 milhões de toneladas. As regiões Norte e Nordeste, juntas, deverão colher 5,1 milhões de toneladas, contra 5,2 milhões do ano anterior.

As exportações brasileiras de milho ficaram em 20,82 milhões de toneladas no ano comercial 2014/15 e revelam uma demanda já permanente para o Brasil no segundo semestre. Fato que merece destaque importante para garantir a consolidação da cultura no país.

milhões R\$/@

Média do preço do algodão em pluma - 2014

CIF São Paulo (pgto. 8 dias)



algodão

Pluma perde espaço

A produção de algodão em pluma deve perder espaço na atual temporada. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta uma queda de 11% na safra, totalizando 1 milhão de toneladas. No ano passado, a safra foi de 1,2 milhão de toneladas.

Segundo maior produtor do país, o Estado da Bahia deverá obter uma safra 7,5% menor, recuando de 457 mil para 423 mil toneladas.

Um dos fatores que determinou a queda de área e produção no Brasil é a questão dos preços que caíram de forma gradual ao longo de 2014. Em janeiro do ano passado, a pluma teve preço médio de R\$ 73,00 a arroba. Em fevereiro deste ano, o preço era de R\$ 55,00.



Mais que um projeto, uma referência

PROJETO QUE FOMENTA A CADEIA PRODUTIVA DO PEIXE DESENVOLVIDO EM LUÍS EDUARDO MAGALHÃES QUER SER REFERÊNCIA NACIONAL

da **REDAÇÃO**

A região Oeste da Bahia possui atualmente cerca de 133 hectares de lâminas d'água e 2 mil toneladas de pescado, sendo mais da metade dessa produção originária da agricultura familiar. Em Luís Eduardo Magalhães, a Prefeitura investe para tornar o Assentamento Rio de Ondas, onde vivem mais de 250 famílias, referência na produção de peixes, não só na Bahia, mas em todo Brasil.

O Projeto Piloto de Piscicultura implantado na localidade em parceria com o Ministério da Pesca prevê um investimento superior a R\$ 8 milhões e a construção de 100 tanques para criação de pescado, além de uma Unidade de Beneficiamento e Abatedouro de Pei-



6 tanques servem o projeto atualmente

Em 2014 a Associação dos Moradores do Assentamento Rio de Ondas (ASSORIO) foi beneficiada com mais de 4 toneladas de pescado (tambaqui, tilápia, pintado e pirarucu) para comercialização.

xe, Fábrica de Farinha e Ração. A ideia é fazer com que o peixe produzido seja usado para exportação.

De acordo com o prefeito Humberto Santa Cruz a região Oeste possui um inegável potencial para a produção de diferentes culturas utilizando-se água. “Com o apoio que temos recebido dos governos estadual e federal, a região Oeste poderá ser destaque na área de piscicultura também”, observa.

Este ano, a Secretaria de Agricultura de Luís Eduardo Magalhães irá integrar o projeto de piscicultura a uma área de 5 hectares, localizada ao lado nos tanques experimentais, destinada à hortifruticultura irrigada para cultivo de banana nanica e prata, maracujá, mamão e hortaliças.

“Nossa água é de qualidade e os recursos hídricos, superficiais e subterrâneos, suficientes para gerar renda, com os municípios desenvolvendo atividades econômicas, diferentes das tradicionais”, continua Humberto, ciente que, dentro em breve, o projeto de piscicultura do Assentamento Rio de Ondas irá beneficiar não só as famílias assentadas, mas todas as comunidades rurais do município.*

Fundo promove sustentabilidade da cotonicultura

HÁ 12 ANOS NA REGIÃO, FUNDEAGRO AJUDOU A FORTALECER O ALGODÃO BAIANO E TRANSFORMAR O ESTADO NO 2º MAIOR PRODUTOR DO PAÍS



OESTE DA BAHIA

Na última safra foram plantados 300 mil hectares de algodão e foram produzidos mais de 1,2 milhão de toneladas, que equivale a 28% da produção do Brasil

da **REDAÇÃO**

Por motivos reconhecidos, o cerrado do Oeste baiano foi - e ainda o é! - um desafio para sustentabilidade da agricultura. Da baixa qualidade do solo, que teve que ser corrigido, até a logística básica para fazer circular os produtos. Nesse cenário híbrido de incerteza e otimismo, surgiu o Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundeaagro), um instrumento que levou a cotonicultura da Bahia à posição de destaque entre os estados que mais produzem algodão no país. É o segundo maior produtor nacional da fibra, reconhecido internacionalmente pela qualidade do algodão produzido em lavouras de sequeiro.

Só na última safra foram plantados 308 mil hectares de algodão, com produção de mais de 1,2 milhão de toneladas, que é equivalente a 28% de toda a produção nacional.

A criação do Proalba, que garantiu aos cotonicultores estímulo em ações de pesquisa, transferência de tecnologia, defesa fitossanitária, marketing e estruturação de toda a cadeia produtiva – tudo isso somou para esse crescimento. E todas essas ações tiveram participação direta do Fundeaagro, inclusive na elaboração e implantação do projeto fitossanitário do país, que permite o controle rígido de pragas.

As ações do Fundeaagro são viabilizadas pelos recursos obtidos do ICMS que os agricultores recolhem. Parte deles é investido em pesquisas para quem cultiva algodão. Oferece alternativas capazes de aumentar a produtividade com menor gasto.

O meio ambiente e os recursos naturais são fundamentais para a manutenção da atividade, defende a instituição. Suas campanhas de conscientização ajudam o produtor a plantar, colher e vender dentro das normas da legislação vigente no país e proporciona proteção e respeito ao cerrado baiano. Ainda financia e mantém projetos sociais, a exemplo do programa de inclusão digital, que de 2006 para cá já formou 46 turmas, mais de 800 jovens e adultos inseridos no universo da linguagem básica da informática.

Em seus 12 anos de atuação, o Fundeaagro fez parcerias com Abrapa, Aiba, Abapa, Embrapa Algodão, Fundação Bahia, Governo do Estado – com todas as instituições que contribuíram e que contribuem com para a excelência e divulgação do algodão baiano, a abertura de novos horizontes de comercialização e a consolidação da cultura algodoeira como uma das mais importantes da agricultura da Bahia, do Brasil.*



Há 25 anos a Aiba trabalha pelo desenvolvimento do agronegócio do Oeste da Bahia

Com ações concretas e efetivas, a Aiba inseriu o Oeste da Bahia entre os maiores produtores de grãos e fibras do país.

A Aiba representa 1.300 agricultores que acreditam no poder transformador da união.





Walter Luiz Siqueira da Silva, Superintendente Regional / CAIXA Oeste da Bahia

A vida no campo....

Parceria e relacionamento são as chaves para o sucesso que a CAIXA vem apresentando em sua recente atuação no agronegócio. São números já bastante representativos. Somente em 2014 contratamos cerca de 5 bilhões no Crédito Rural, R\$ 3 bilhões a mais do que no ano anterior. O saldo da carteira fechou em R\$ 4,9 bilhões em Dez/2014. Até o encerramento da safra 2014/2015 esse valor deverá atingir R\$ 6 bilhões.

E não vamos parar por aí: como os recursos destinados ao agronegócio têm como fonte principal os depósitos à vista da instituição, projetamos para a safra 2015/16 uma disponibilidade de R\$ 10 bilhões. A partir da safra 2016/17 estaremos sujeitos ao mesmo nível de exigibilidade do sistema financeiro, que corresponde a 34% dos depósitos à vista. Com isso, a disponibilidade para financiamentos deverá atingir R\$ 15 bilhões.

Trabalhamos com a expectativa de nos tornarmos até 2022 o segundo maior banco brasileiro com atuação no agronegócio, com uma fatia de 10% do mercado (Market Share).



Os recursos são destinados ao custeio agrícola e pecuário, a operações de investimentos em máquinas e equipamentos, à aquisição de animais e a projetos de infraestrutura rural. Em resumo operamos com todas as 16 culturas amparadas pela Política de Garantia de

Preços Mínimos (PGPM) e tradicionais do crédito rural: soja, milho, café, etanol, laranja, algodão, arroz, sorgo entre outras. Na pecuária recebem crédito os rebanhos de corte e de leite

No Oeste da Bahia essa atuação tem sido estratégica, pois aumentamos sobremaneira a oferta de recursos no segmento, fortalecendo

o desenvolvimento no campo e a consolidação da região como um grande player na oferta dos produtos agropecuários.

Na região contamos com uma rede de 12 (doze) agências autorizadas a operar no segmento. São também os nossos diferenciais:

- Soluções de crédito adequadas;
- Agilidade e simplicidade;
- Otimização de processos;
- Atendimento personalizado;
- Financiamento do custo total do hectare plantado;
- Ampla rede de empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) conveniadas.

A atuação regional tem sido marcada também com um relacionamento muito próximo ao produtor rural, conhecendo seu dia a dia e sua realidade no campo, com visitas à fazendas, promovendo eventos nas regiões produtoras, participações nos dias de campo, além dos constantes contatos com as entidades representativas. Tamanho foi o sucesso da estratégia que a Superintendência Regional Oeste da Bahia encerrou 2014 com uma das maiores carteiras de Crédito Rural entre as diversas Superintendências da CAIXA.

Além de tudo isso, na CAIXA a pessoa física que contrata o crédito tem direito a um pacote de vantagens para produtores que buscam o crédito rural, como benefícios em tarifas de conta, cartões de crédito, financiamentos imobiliários e seguros.

Acessem também o site www.creditoruralcaixa.com.br e tenham acesso às regras detalhadas sobre operações de custeio, investimento (inclusive BNDES PSI Rural), crédito às cooperativas, dentre outras informações.

Cada vez mais produtores estão dispostos a conhecer o novo jeito CAIXA de fazer Crédito Rural. Essa é uma parceria feita para crescer.

... pede mais que um banco.

O papel da rede de produtores para agregar valor ao agronegócio



por **FABIO R. CHADDAD**

Professor da University of Missouri (EUA) e Insper

Segundo dados da FAO, o valor da produção agropecuária brasileira cresceu de US\$ 36 bilhões em 1975 para US\$ 140 bilhões em 2010. No mesmo período, a produção de grãos quadruplicou de 35 milhões para 150 milhões de toneladas, enquanto a produção de carnes aumentou oito vezes de 3 para quase 25 milhões de toneladas. Esse crescimento impressionante coloca o Brasil entre os quatro maiores produtores de alimentos do mundo, atrás somente da China, EUA e Índia.

Concomitante ao crescimento da produção, os produtores aumentaram a utilização de terras e insumos modernos, incluindo-se sementes melhoradas, fertilizantes e defensivos. Mas grande parte desse aumento incrível da produção do agro brasileiro deveu-se a ganhos de produtividade. Entre 1971 a 2010, a taxa média de ganhos de produtividade no setor atingiu 2,8% ao ano, acelerando para mais de 4% ao ano na última década. Nenhum país entre os 20 maiores produtores do mundo conseguiu atingir esse nível de ganhos de produtividade alcançado pelo produtor brasileiro.

O crescimento da produção e ganhos de produtividade do agro brasileiro foram de grande relevância para a economia brasileira e a segurança alimentar no país. Até a década de 1980, o Brasil era importador de alimentos e o preço dos alimentos era uma constante preocupação do governo. Segundo dados do IBGE, uma família típica brasileira gastava 34% do orçamento familiar em alimentação em 1975. O crescimento da produção agropecuária brasileira causou a redução do preço da cesta básica, que hoje custa 79% a menos que na década de 1970. Com o aumento da renda e a redução do preço real da cesta básica, somente 16% do orçamento familiar é

gasto hoje em alimentação. Além de garantir a segurança alimentar e reduzir o preço dos alimentos no país, o produtor brasileiro colocou o Brasil na primeira colocação no ranking dos países com exportações líquidas (ou seja, exportação menos importação) de alimentos, o equivalente a US\$ 80 bilhões em 2013. O crescimento das exportações do agro brasileiro garante que o país não tenha mais crises na balança de pagamentos, o que era um risco constante até a década de 1990.

Ninguém duvida que o agronegócio brasileiro cria muito valor para o país. Mas, enquanto o agronegócio cresce e gera riquezas, quem se apropria desse valor criado? Em particular, como está a situação econômica do produtor? Para podermos responder essas perguntas, temos que entender algumas mudanças estruturais que ocorreram no setor nas últimas décadas.

• **COMPETIÇÃO POR TERRAS.** Segundo dados do último Censo Agropecuário do IBGE, 440 mil produtores comerciais (ou 8% do total) são responsáveis por 85% da produção total, enquanto 3,2 milhões de pequenos produtores (64% do total) produzem somente 4% da produção total. Muitos produtores têm renda operacional negativa, ou seja, não conseguem sequer cobrir os custos de produção. Dados recentes da consultoria Agroconsult mostram que 17% da área total do cerrado, o equivalente a 3,5 milhões de hectares, estava na mão de 38 grupos com mais de 30 mil hectares em 2012. A mesma consultoria prevê que nos próximos 10 anos o número de grupos de larga escala aumentará para 115, os quais irão produzir em 34% da área total do cerrado.

• **CONSOLIDAÇÃO.** Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), um número cada vez menor de empresas multinacionais controlam os mercados de insumos. Por exemplo, a participação de mercado global das 4 maiores empresas de sementes aumentou de 33% em 2000 para 54% em 2009. Atualmente as quatro maiores empresas controlam 53% do mercado global de defensivos, 50% do mercado de tratores e im-

plementos, 51% do mercado de produtos veterinários e 56% do mercado de genética animal. Da mesma forma, ocorre um forte processo de consolidação nos setores pós-porteira, incluindo originamento, processamento e distribuição. Basta lembrar que três redes de supermercados controlam mais de 50% do varejo nacional de produtos alimentares.

- **COORDENAÇÃO VERTICAL.** Cada vez mais, grandes players dominam vários elos das cadeias de suprimento. O caso emblemático é a cadeia do frango, com os contratos de integração entre grandes empresas processadoras e os produtores de frango integrados. No limite, o produtor passa a ser mero prestador de serviço para grandes agroindústrias.

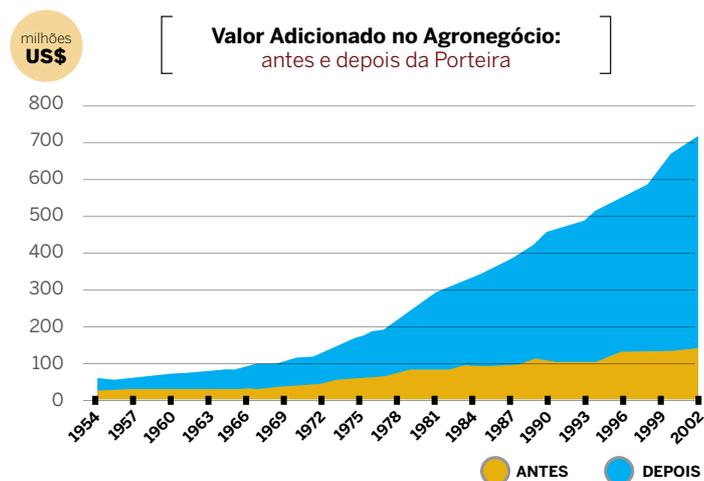
Em decorrência dessas mudanças estruturais, todas elas ligadas à globalização e modernização do agronegócio brasileiro, o produtor fica em uma posição competitiva cada vez mais fraca. O produtor é um tomador de preço e tem que trabalhar com margens de comercialização cada vez mais achatadas. Como o produtor reage a essa situação? Em geral, o produtor sobrevive quando ele adota as tecnologias mais avançadas e aumenta a escala, comprando ou alugando mais terra, para produzir com custo médio cada vez menor. Os produtores mais competitivos sobrevivem e crescem, enquanto os menos eficientes abandonam o setor, em um processo de darwinismo econômico. A consequência dessa busca pela sobrevivência é o aumento da produtividade do setor expli-

cado acima. Por um lado, essa estratégia deu certo enquanto o cerrado podia ser aberto sem muitas restrições ambientais e a terra era barata. Dados da FNP mostram que o custo da terra subiu 322% no Oeste da Bahia nos últimos 10 anos. Quem consegue aumentar a área com o preço da terra nos níveis atuais? Quem consegue competir com a capacidade financeira e de gestão dos grandes grupos que entraram no setor na última década?

Uma estratégia alternativa seria o produtor parar de crescer na horizontal – isto é, comprar ou alugar mais terra para crescer a escala – e passar a jogar na vertical, para alcançar uma renda maior por hectare. Jogar na vertical significa comprar insumos e comercializar a produção coletivamente através de cooperativas e outras organizações de produtores para defender as margens do produtor. Muitos produtores pequenos e médios do cerrado buscam essa solução, por exemplo, formando pools de compra e pools de comercialização. Jogar na defesa é cada vez mais importante, mas nenhum time ganha campeonato sem fazer gol! O produtor deve buscar jogar mais no ataque, para capturar mais valor nos setores pós-porteira.

Dados do USDA mostram que o valor adicionado no agronegócio ocorre cada vez mais nos setores pós-porteira (*ver gráfico*). Atualmente, de cada dólar gasto pelo consumidor americano no supermercado na compra de produtos alimentares, somente 15,5 centavos voltam ao produtor como preço de commodity. Salvo raras exceções, o produtor precisa formar empresas com outros produtores para poder jogar na vertical e capturar uma parcela maior do valor criado.

A estratégia de verticalização ou agregação de valor (jogar no ataque) é mais comum nos países desenvolvidos, onde o produtor organiza e faz parte de redes de negócios. Gostaria de dar dois exemplos de redes de produtores formadas nos EUA para jogar na vertical e capturar mais valor. O primeiro exemplo são os produtores de milho do meio-oeste americano que se organizaram em cooperativas de nova geração para produzir etanol. Desde a década de 1990, mais de 200 plantas de etanol de milho foram construídas com



O crescimento da produção e ganhos de produtividade do agro brasileiro foram de grande relevância para a economia e a segurança alimentar no país.

ESTRATÉGIA

➤ investimentos de produtores. Uma dessas plantas, na cidade de Macon (Missouri, EUA), foi fudada por 309 produtores do estado que investiram US\$ 5 milhões no projeto. A cooperativa de nova geração tem quadro de associados fechado, pois somente os produtores que investiram no projeto podem entregar milho na planta. Além disso, o investimento de cada produtor foi proporcional à sua movimentação. O produtor assinou um contrato com a cooperativa comprometendo-se a entregar uma determinada quantidade de milho todo ano na cooperativa. A cooperativa iniciou a produção em 2000, produzindo 55 milhões de litros de etanol. A partir de novos investimentos dos produtores em 2002 e 2012, hoje a mesma planta produz 175 milhões de litros de etanol. Além do investimento e comprometimento dos produtores, outro fator importante do sucesso dessa cooperativa é que ela não

atua sozinha no mercado – ela faz parte de uma rede de negócios chamada POET com outras 27 plantas de etanol em sete estados. A POET comercializa a produção de etanol e DDG dessas 27 plantas e também coordena a gestão das cooperativas que fazem parte da rede. A POET é atualmente a segunda maior comercializadora de etanol do mundo.

Um segundo exemplo é a CHS, a maior cooperativa agrícola dos EUA. A CHS foi fundada em 1998, a partir da fusão de duas cooperativas centrais, Cenex e Harvest States. No primeiro ano após a fusão, a CHS obteve faturamento de US\$ 8 bilhões. Em 2013, a CHS faturou US\$ 45 bilhões. A cooperativa é formada por 1.100 cooperativas singulares e 70.000 produtores

nos EUA. Em 2013, a CHS distribuiu para suas cooperativas e produtores associados US\$ 600 milhões em sobras. Ela é a terceira maior exportadora de grãos dos EUA, tem clientes em mais de 65 países e formou parcerias estratégicas com a Cargill no processamento de trigo e a Mitsui na indústria de soja. Para capturar mais valor, e colocar mais dinheiro no bolso do produtor americano, a CHS iniciou um processo de globalização nos últimos dez anos, fazendo investimentos na Ásia, Europa e América do Sul. A CHS entrou no Brasil em 2003 para originar grãos e comercializar fertilizantes e já tem faturamento de US\$ 2,5 bilhões no país.

Esses exemplos mostram que quando o produtor se organiza em redes, ele deixa de ser tomador de preços e passa a exercer um papel mais influente no agronegócio. Jogar na vertical é uma estratégia competitiva relevante para o produtor que quer capturar mais valor e maximar a renda por hectare.*

Uma estratégia alternativa seria o produtor parar de crescer na horizontal e passar a jogar na vertical, para alcançar uma renda maior por hectare



Programar-se para não perder os acontecimentos voltados para o setor do agronegócio entre março e junho deste ano.

RODEIO CRIOULO CTG ESTÂNCIA RG

Animais nas atividades de montaria, provas de laço, de rédeas e outras provas típicas da tradição gaúcha estão garantidos em mais uma edição do Rodeio Crioulo do CTG Estância do Rio Grande. O evento será realizado de **1 a 3 de maio** na cidade de Barreiras (BA).



AGROBALSAS

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte "Irineu Alcides Bays" (FAPCEN) realiza, entre

11 e 15 de maio, a 13ª Agrobalsas. A feira acontece na fazenda Sol Nascente, em Balsas (MA), e tem como função promover a rentabilidade e sustentabilidade da região dos cerrados maranhenses.

AGROCAFÉ

A 16ª edição do Agrocafé, que será realizada entre os dias **11 e 13 de maio**, em Salvador (BA), dará ênfase ao futuro da agricultura cafeeira, para comemorar os 20 anos da Associação dos Produtores de Café da Bahia. Serão oferecidos cursos intensivos e seminário sobre a cafeicultura familiar.



BAHIA FARM SHOW

Considerada uma das três maiores feiras do agronegócio brasileiro, a Bahia Farm Show chega este ano a sua 11ª edição com muita novidade em tecnologias agrícolas. Será realizada entre os dias **2 e 6 de junho**, em Luís Eduardo Magalhães, no Oeste da Bahia.

aiba
RURAL

A revista do
agronegócio da Bahia.
Anuncie!

(77) 3613.8000 aiba@aiba.org.br

Fundesis investe cerca de R\$ 3 milhões em 8 anos

Em 8 anos de existência, o Fundesis já investiu quase 3 milhões em entidades sem fins lucrativos de 10 municípios do Oeste da Bahia - Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Angical, Tabocas do Brejo Velho, Correntina, São Desidério, Mansidão, Santa Rita de Cássia, Santa Maria da Vitória e Santana.

O primeiro edital foi lançado em janeiro de 2007, beneficiando 06 projetos que juntos receberam R\$ 296 mil. O segundo edital, lançado em fevereiro de 2008, beneficiou 10 projetos que juntos receberam R\$ 385 mil. O terceiro edital foi lançado em 2010, beneficiando 13 projetos, que juntos receberam um total de R\$ 553.950,00. O quarto edital lançado, foi em maio de 2012, com um total de 19 entidades beneficiadas e investimento de R\$ 738.500,00. O 5º edital investiu R\$ 592.000,00 em 17 projetos.

Dentre as entidades beneficiadas estão creches, escolas, centros culturais, orfanatos e abrigos que atendem bebês, crianças, jovens, adultos, portadores de necessidades especiais e idosos.

O Fundesis já participou com investimentos em 63 projetos, contemplou 38 entidades, atendendo diretamente mais de 50 mil pessoas e criando, direta e indiretamente, novos postos de trabalhos temporários e fixos.

Os resultados dos projetos já executados são visíveis para além dos limites das entidades contempladas. Como melhorias em ações educativas e de formação humana, con-

tribuição para a diminuição do índice de criminalidade e marginalidade, aumento no número de atendimento nas entidades, atuação voltada à educação alimentar, combate ao desperdício e promoção da saúde, melhoria na qualidade do atendimento de creches de comunidades periféricas, e desenvolvimento de conhecimentos múltiplos de pessoas atendidas nas entidades beneficiadas pelo Fundesis.

O produtor ou empresa que doa recursos para o Fundesis, ganha certificado e um selo AMIGA (o) DA COMUNIDADE – que autoriza ao produtor ou empresa a utilizar o selo de identificação em seus produtos, embalagens, comunicações, materiais de papelaria.

Com o selo a empresa amiga da comunidade ganha fortalecimento da imagem corporativa, registro no balanço social da empresa dos recursos doados, agrega valor a sua marca, fortalece os vínculos comerciais e sociais da sua empresa, gera valor e longevidade aos negócios.



FUNDESIS
Fundo para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável da Bahia



Um tal museu na Humaitá

EMPRESÁRIO TRANSFORMA PEQUENA CASA EM MEMORIAL DE COSTUMES, CULTURAS, RELAÇÕES COMERCIAIS E SOCIAIS DA REGIÃO

por C.FÉLIX

Há dois anos, na estreita rua que dá nas margens do rio Grande, em Barreiras, começou a ser fundado um espaço para preservar a memória da família Campos. A ideia agradou e alguns entusiastas da causa histórica passaram a doar documentos, fotos, utensílios, equipamentos e toda sorte de objeto. Hoje, a casa amarela e sem número, com meia parede vermelha e ornamento discreto sobre a frente, na esquecida rua Humaitá, é o exemplo de uma brava iniciativa particular em respeito ao patrimônio memorial da cidade e da região.

Idealizado por Naldomar da Mata Campos, o espaço é popularmente conhecido como o “Museu da Rua Humaitá”. Ele não concorda com a definição, mas se alegra em ver o lugar despertar tanta curiosidade. Comerciante tradicional de família barreirense, há tempos pretendia comprar uma casinha ali, naquela rua, para abrigar “coisas” do passado que havia guardado. Considerada a primeira rua de Barreiras, a Humaitá tem bastante expressão do ponto de vista histórico. Por ali passou o início o desenvolvimento da região.

Quando soube que havia uma casa à venda, vibrou: “- Foi um achado!”. Logo, a penúltima casa da rua, do lado direi-



JUSTÍSSIMO

Naldomar da Mata Campos queria uma casa para colocar seus guardados exatamente na primeira rua de Barreiras. Conseguiu! Hoje, a casa é uma referência histórica, com centenas de objetos de época, a exemplo de parte da fuselagem do avião C-47 que chocou-se com a Serra da Bandeira em 1945

to, em direção ao rio Grande recebeu os guardados de Naldomar, e depois de amigos e de desconhecidos. Dois anos depois, são centenas e centenas de objetos espalhados por todos os cômodos.

A foto do intendente Dr. Augusto César Torres, barrense que lutou na Guerra do Paraguai e que criou a rua Humaitá tem lugar de destaque na galeria de fotos. Antes delas, porém, uma exposição de notas fiscais, cartas comerciais e de recomendação no início do corredor de meados do século passado tecem as relações sociais e comerciais da época.

Orgulhoso, Naldomar conta que seu avô, conhecido por Chico Campos, foi comandante do Vapor Siqueira, famoso navio que trazia mercadoria de Juazeiro para cá. Mostra fotos que montam a árvore genealógica de sua família, mas,

FOTOS: C.FÉLIX



faz questão de frisar a pluralidade do espaço e aponta para um expositor. São livros, livretos e outras publicações da região que conseguiu reunir ou que foi doado para o acervo.

Obras de artistas, rádios, cabides, ferros de engomar, bules, pregos e objetos retirados do fundo do rio Grande tomam lugar em mesas e prateleiras. Uma peça chama atenção. Naldomar explica que é parte da fuselagem do avião C-47, da Força Aérea Brasileira, que se chocou contra a Serra da Bandeira em março de 1945. “Foi um acidente feio, se comenta muito”.

Apesar de ter apenas 64 anos, Naldomar fala de cada objeto com cumplicidade de quem viveu a história de cada um. Ainda não catalogou o acervo e nem arrisca falar sobre o futuro do “museu”. Seu papel já está sendo cumprido. Tem o maior prazer em receber as pessoas. Quando não pode, o visitante é recepcionado por um casal que mora atrás da casa e desenvolve um trabalho de preservação da margem do rio. Outra iniciativa individual que constrói a história e ajuda a preservar o próprio homem.*



Você não pode perder este curso

Introdução à Análise Fundamental e Técnica de Futuros e Opções Voltadas à Comercialização de SOJA

Dias 08 e 09 de abril de 2015
Luis Eduardo Magalhães, BA

Inscreva-se já

(51) 3290-9200 / (51) 3290-9231

E-mail: eventos@safras.com.br

www.safras.com.br

MAIS SEGURANÇA E RESULTADO EM SUA LAVOURA!



APROSEM-BA

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE SEMENTES DO ESTADO DA BAHIA

EMPRESAS ASSOCIADAS



Garantia de Boa Safra



SEJA LÍDER E COLHA PRODUTIVIDADE



77 3628.4769 www.aprosem.com

Ed. Via Lajedo, rua Piauí, 80 - S.22 - Luís Eduardo Magalhães/BA - CEP 47.850-000